

Literatura cinzenta ou não convencional: um desafio a ser enfrentado

Dinah Aguiar Población

A literatura cinzenta ou não convencional que marca presença nos dias de hoje deve ser enfocada em seus vários aspectos, inclusive como processo de comunicação. Com a conotação de literatura cinzenta, embora não muito familiar no Brasil, vem sendo usada com aceitação pela comunidade científica, desde o final do século XIX em vários países da Europa e nos Estados Unidos.

A codificação através de cores foi usada na Inglaterra para identificar novelas apresentadas em edições pouco valorizadas e vendidas a baixo custo, vulgarmente conhecidas na época como *yellow* - as amarelinhas. No entanto, os documentos oficiais ingleses, impressos em papel branco, a partir de 1899, passaram a ser conhecidos como os *white papers*. Essa tendência inglesa levou-os a denominar de *green papers*, a partir de 1967, os documentos destinados às discussões governamentais. Nas Ilhas Britânicas, a coleção de relatórios oficiais, por serem encadernados com a capa azul, passaram a ser conhecidos por *blue books*, enquanto os livros do fisco, identificados pela capa preta, caracterizavam os *black books*. Relacionando a cor com o conteúdo, os ingleses destacam o vermelho como um alerta para visualizar várias listas de espécies perigosas, conhecidas como *red data books*. Não só na Inglaterra, mas também em outros países da Europa, a cor fazia parte do "jargão" dos consumidores de informação. Adotada na França para as coleções de *livre jaune* e *livre blanc*; na Itália, *libre verde*; na Espanha, *las novelas rosa*; a preferência pelo branco acentua-se na Alemanha, o *Weissbuck*, e na Bélgica destaca-se o *livre gris*.

Não só na Europa, mas também nos Estados Unidos, embora com menor ênfase, é encontrada essa característica colorida para designar algumas publicações oficiais, particularmente os manuais que incluem dados bibliográficos dos funcionários do governo, conhecidos como *blue books*.

Essa caracterização em cores adotada para esses tipos de documentos, de acordo com a cor da capa cor do papel ou relacionada com o conteúdo, não é a mesma que se aplica aos documentos que atualmente são denominados de *grey literature* ou *literatura gris* ou *literatura cinzenta*.

Desde a descoberta da imprensa até o século XX, o número de documentos impressos cresceu de tal forma, que os livros e as publicações periódicas inflacionaram os consumidores de informação. Decorridos cinco séculos, a humanidade enfrenta o fenômeno preocupante da "explosão da publicação". Porém, essa preocupação tem sido centrada nos vários tipos de publicações que são consideradas convencionais. Para armazená-las e recuperá-las, vêm sendo aperfeiçoadas não somente as técnicas, mas também a formação de recursos humanos especializados para gerenciar serviços que procuram criar condições de recuperação eficiente, visando a fornecer aos usuários informações relevantes.

Se os documentos publicados - os convencionais — atingem com certa eficácia determinada parte da população, existe uma outra camada menos numerosa, porém mais ávida de informação que não tem acesso a determinados tipos de documentos, os quais não estão impressos e não se enquadram nos moldes dos documentos convencionais. Esses documentos valiosos trazem informações que circulam nos eventos e permitem a agilização dos contatos entre investigadores, fortalecem os elos de comunicação entre os membros dos colégios invisíveis e geralmente se transformam em um tipo de literatura considerada não convencional a qual recebe várias denominações: literatura cinzenta, literatura fugitiva, literatura invisível, informal e mesmo efêmera.

LITERATURA CINZENTA

Com antecedentes diferentes daqueles documentos anteriormente descritos como coloridos, a cor cinzenta não traz em si uma conotação negativa que poderia ser interpretada como imprecisa, vaga ou pouco consistente. Pelo contrário, os pesquisadores e estudiosos de determinadas áreas, que consomem vorazmente a literatura convencional, informaram, através de comunicações relatadas por Forskett e Hill¹, que 90% das informações de que eles necessitam são provenientes da literatura não convencional. Como fonte primária, várias pesquisas comprovam a aceitação do termo *grey literature*, o qual desde 1978 está consolidado na Europa².

Resumo

Um histórico da literatura cinzenta é apresentado visando à compreensão das diferentes conotações dadas ao conteúdo dos documentos e focaliza a literatura não convencional, conhecida como literatura fugitiva, informal ou invisível. A importância da literatura cinzenta é mostrada como um meio de acompanhar a velocidade do avanço da ciência nas sociedades modernas, bem como para que sejam criadas bases de dados específicas de tal literatura na América Latina, fracamente representadas em bases de dados especializadas existentes.

Palavras-chave

Literatura cinzenta; Literatura fugitiva; Documentos não convencionais; Bases de dados - Literatura cinzenta.

Pesquisa de pós-doutorado em desenvolvimento na Universidad Autónoma de Madrid, Espanha.

Eis por que cresce a importância dos estudos de produção ou geração e da avaliação do uso desse tipo de literatura relevante e imprescindível àqueles que contribuem para o progresso do conhecimento e da ciência.

A comunidade produtiva é basicamente aqueles que tomam decisões, valem-se dessas semipublicações através das oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias e do acesso às bases de dados, quer bibliográficas, quer fatauais. Essas publicações têm acelerado o ritmo do fluxo de comunicação entre os pesquisadores. Por isso, os acervos das bibliotecas tornam-se primordiais para a localização dos documentos convencionais ou não que foram detectados por meio da busca da informação em registros eletrônicos. No entanto, quando a informação localizada nas fontes se refere à literatura cinzenta coincidindo com o fato de ela também ser considerada literatura fugitiva e mesmo invisível, excepcionalmente será encontrada nos acervos das bibliotecas, as quais relutam em adquirir esse material. É fato notório que esses acervos são constituídos prioritariamente por livros e por revistas rotineiramente adquiridos através do comércio livreiro.

Se a literatura cinzenta se caracteriza como *Chillag*³ definiu, segundo sua apresentação não convencional, portanto, não sendo publicada e distribuída através dos canais normais do parque editorial, é compreensível que o seu difícil acesso crie sérios problemas para a coleta, armazenagem e recuperação.

Portanto, torna-se imprescindível entender quais os tipos de documentos que, segundo Van de Heij⁴ e Griffin⁵, devem ser agrupados nessa categoria. Inicialmente essa literatura incluía apenas os relatórios técnicos e de pesquisa elaborados para circulação interna ou restrita. Atualmente o conceito está ampliando, e incluem-se nesse grupo, além de relatórios de todos os tipos (Internos, institucionais, técnicos, de pesquisa, de comissões e outros), as comunicações apresentadas em eventos, os anais e atas de reuniões, as conferências, *pre-prints*, publicações oficiais, teses, traduções, patentes, normas etc.

É necessário, no entanto, que fique claro que esses tipos de documentos poderão também ser apresentados dentro dos padrões exigidos pela publicação seriada e/ou periódica. Se isto ocorrer, descaracteriza a condição de difícil identificação e distribuição, sendo a obtenção dos documentos efetuada através dos canais comerciais. Dessa forma, tornam-se passíveis de controle. Essa transição da categoria "não convencional" para a "convencional" poderá criar modificações nas rotinas

das agências nacionais responsáveis pelas codificações numéricas de controle bibliográfico - os ISBNs e os ISSN. Contudo, nada impede que as fontes bibliográficas e as bases de dados mantenham o controle das alterações destas situações por meio dos recursos da descrição bibliográfica, já preconizada, em 1982, pela Organização Mundial da Saúde⁶.

Paradoxalmente, esses problemas técnicos e administrativos de coleta e armazenagem de documentos geralmente criam barreiras aos pesquisadores. Os usuários necessitam de veículos ágeis de recuperação de dados que permitam acompanhar a velocidade alcançada pelas informações geradas nas sociedades avançadas. Esse fluxo deve ser acompanhado pelos investigadores daqueles países que desenvolvem pesquisas de ponta.

Em áreas especializadas, como energia nuclear, a literatura cinzenta representava, em 1988, 20% de toda a literatura da base de dados⁷. Assim, as bases de dados de reconhecida reputação, nas ciências médicas e biológicas, já iniciaram a inclusão de documentos que se caracterizam como literatura cinzenta. Como exemplo, no Brasil, pode-se citar a base de dados Lilacs, que, após 10 anos de criação (1982-1992), está incluindo 14% da literatura não convencional coletada pela Rede Latino-Americana.

Essa evidência levou a Bireme, como centro coordenador da Rede Latino-Americana e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde, a discutir esse tema durante o I Congresso Regional de Informação em Ciências da Saúde, realizado em setembro de 1992, recomendando "que os catálogos coletivos nacionais (CCNs) aprimorem os mecanismos de acesso à literatura não convencional, incluindo programas conjuntos com os ministérios da saúde"⁸.

A área agrícola está investindo em programas de coleta e disseminação de informação especializada em forma de literatura cinzenta para transferir tecnologia para os países em desenvolvimento, envolvendo a Food and Agriculture Organization (FAO), Commonwealth Agricultural Bureaux (CAB) e International Information System for the Agricultural Sciences and Technology (Agris)⁹. O mesmo não ocorre nas ciências sociais e humanas, que, além de possuírem um número inexpressivo de fontes secundárias para o controle da literatura convencional, ainda mantêm preconceitos contra a literatura cinzenta. Contudo, cresce a bibliografia sobre *grey literature* comprovada pela base de dados Library and Information Science Abstracts

(Lisa), que arrolava, em 1991, informações sobre 130 documentos publicados desde 1972 até 1990 em vários países europeus e nos Estados Unidos.

Contudo, nenhuma avaliação de qualidade dessa literatura e da competitividade da informação estará completa, se não forem levados em conta o contexto social e os grupos de pressão que predominam em cada área. O processo de comunicação entre pesquisadores, a conscientização do valor dos trabalhos em grupos, a velocidade da intercomunicação através das redes eletrônicas e os recursos limitados para publicar documentos dentro dos padrões convencionais são variáveis que assumem valores diferentes em cada comunidade.

Se as exigências dos planejamentos editoriais estabelecem condições para que os livros se constituam em um produto vendável e garantam um retorno financeiro; se o corpo editorial dos periódicos técnicos e científicos encontram dificuldades para manter a periodicidade de suas publicações, atrasando de seis meses a dois anos para divulgar os documentos aprovados pelos *referees*; pergunta-se: por que não valorizar os documentos não convencionais e procurar coletar com mais regularidade essa literatura fugitiva propositalmente considerada literatura invisível? O que interessa é a velocidade da comunicação!

A história mostra que a conscientização é realmente lenta. A problemática desse tipo de literatura vem sendo focalizada desde 1920, de acordo com Schmidmaier¹⁰, que relata a observação sobre a seriedade com que a biblioteca deveria tratar a *little literature*, assim denominada, por apresentar características pouco definidas e por não estar disponível através dos canais convencionais. No final da década de 30, esse autor usa a expressão *grey literature* para identificar a seção da *Deutsche National Bibliographie*, à qual incluiu o registro bibliográfico de publicações pertencentes a essa categoria desde 1931.

COMUNIDADE EUROPÉIA IMPULSIONA A LITERATURA CINZENTA

Somente a cooperação pode acelerar o processo para contornar os problemas de coleta e de armazenagem, em face das restrições que afetam essa categoria de documentos, principalmente daqueles que são predominantes - os relatórios. A não-disponibilidade está geralmente relacionada com o grau de proteção mantido pelas expressões (confidencial; não publicável; propriedade particular; distribuição limitada) e outras formas de segurança que im-

pedem o acesso. O conceito de literatura cinzenta que predominou durante 60 anos foi reformulado na década de 80, conforme pode ser constatado na tabela apresentada na obra de Auger¹¹. Com essa mudança, pôde-se identificar, na Europa, as várias instituições que geram esse tipo de literatura, muitas delas não impondo nenhum tipo de restrição ao acesso a documentos. Conseqüentemente foi considerada a importância de se criarem bases de dados produzidas pelo consórcio de centros de documentação europeus, contando com o apoio da *Commission of the European Communities*. Essa resolução foi decorrente do *York Seminar* sobre literatura cinzenta, organizado em 1978 pela British Library Lending Division. Decorrente da aprovação da proposta que considerava os problemas de aquisição, de controle bibliográfico e de acesso aos documentos, originou o *System for Information on Grey Literature in Europe*, conhecido como Sigle, o qual foi inicialmente patrocinado pela Comunidade Econômica Européia. Grande influência exerce nesse sistema o *Committee and Technical Information* (Cosati). A maior contribuição dessa instituição é reconhecida pelas agências governamentais que visam à organização dos relatórios de acordo com o arranjo uniforme de assuntos segundo a *Subject Category Lists*.

O Sigle, oficialmente instalado em 10 de março de 1980¹², embora tenha iniciado suas atividades a partir de 1981, já incluía, nas bases de dados existentes anteriormente, essa literatura cinzenta cobrindo as áreas específicas relacionadas com energia e aeroespacial. O Sigle ampliou o escopo, com outras áreas de assuntos e adotou o esquema das várias categorias temáticas estruturadas pelo Cosati. Além de manter os relatórios, incorporou outros tipos de documentos não convencionais. Considerou particularmente as patentes controladas pelos *Derwent indexes*; as normas cobertas pelo *BSI Standardline*; as traduções e as teses a partir de 1983. Segundo Auger, o *European Documentations Centres*¹³ fazia parte do consórcio de instituições nacionais da Bélgica, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Irlanda, Luxemburgo, Itália, Países Baixos, Suécia e Comunidade Européia. O compromisso desses países era o de incorporar na base conjunta a média de 24 000 itens anuais e, em 1984, já contavam com 60 000 itens¹².

Em 1988, Auger¹¹ identificou a posição da contribuição dos vários países para a base de dados Sigle:

Reino Unido - 39%;
Alemanha - 29%;
França - 15%;
outros - dados não identificados.

Em 1990, a Espanha, por meio do Instituto de Información y Documentación em Ciencia y Tecnología, estava preparando um projeto para incorporação da literatura cinzenta espanhola no Sigle. Na justificativa apresentada aos órgãos ao governo, os autores ressaltavam a importância de participar de um sistema com o qual estavam colaborando vários membros da Comunidade Econômica Européia.

Outros projetos de investigação também estão sendo realizados na Espanha, na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos, para estruturar programas de *Sistemas expertos para la literatura gris*, de acordo com Curras¹⁴ e Vickers e Wood¹⁵.

Apesar de a coleta e de o tratamento dessa literatura encontrarem-se em fase de consolidação através desse projeto cooperativo, ainda existem barreiras para os usuários, pois eles não têm facilidade de acesso aos documentos não convencionais. Em decorrência, a informação para uso público tomou-se um dos objetivos da International Federation of Libraries Associations and Institutions (Ifli) através ao seu programa Universal Availability of Publication (UAP) com o suporte da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco). A revisão desse programa feito por Vickers e Wood¹⁵ tem grande implicação para a literatura cinzenta.

Embora esteja atingindo esse nível de reconhecimento "como a mais relevante para a tomada de decisões", essa literatura fugitiva ainda está acessível a reduzido número de interessados.

Se os países avançados reconhecem que novas perspectivas estão se abrindo no campo da informação em decorrência da velocidade que impulsiona as sociedades que se encontram no limiar do novo século, por que os países em desenvolvimento não tentam também acelerar o passo?

É incontestável o interesse de organismos internacionais, principalmente da International Federation for Information and Documentation (FID), em apoiar programas nessa linha. Em 1992, ano em que se comemorou o quinto centenário da descoberta da América, foi realizado na Espanha o 46º Congresso e Conferência de Informação e Documentação. Nesse evento, a FID, em colaboração com a Rede de Informação da América Latina (Redial), promoveu o seminário "La Red Europea de Información y Documentación sobre América Latina como instrumento en la cooperación para el desarrollo". Basicamente o seminário abordou três temas:

- "La información. un arma estratégica para el desarrollo".
- "La literatura gris producida en Europe sobre America Latina: congresos, ponencias y comunicaciones y tesis".
- "Proyectos de cooperación entre Europa y America Latina: en el campo de Información y Documentación".

Embora a Europa mostre maior preocupação com a literatura cinzenta, não se pode deixar de reconhecer que há mais de 30 anos os Estados Unidos vêm analisando e armazenando os relatórios governamentais. É incontestável o valor de famosos relatórios, como o de Weinberg, arrolando em 1963 mais de 100 000 relatórios oficiais publicados anualmente, além do índice acumulado com 450 000 citações, publicado em 1969 pelo Defense Documentation Center. A estrutura das agências de distribuição montada pelos Estados Unidos e Reino Unido para adquirir a literatura cinzenta, mediante pagamento, não elimina o problema do difícil acesso à informação contida nesses documentos. O interesse pela segurança dos relatórios que trazem inovações tecnológicas e a identificação do tipo dos usuários que recorrem a esses documentos estão se intensificando em pesquisas realizadas na década de 80. As dificuldades e barreiras enfrentadas pelas bibliotecas públicas e acadêmicas norte-americanas para atender à sua clientela e ter acesso ao National Technical Information Service (NTIS), órgão que há mais de 40 anos centraliza esse tipo de informação, são descritas por McClure *et alii*¹⁵. Os bibliotecários dos Estados Unidos foram alertados por Allison¹⁷ sobre o crescimento da importância e da demanda da literatura cinzenta, a qual torna visível a comunicação com o setor privado, dependente desse tipo de informação.

Em sua trajetória histórica iniciada em 1920 com o *little literature*, afirma-se a literatura cinzenta a partir de 1978. O vinho envelhecido começa a ser degustado após 70 anos pelos *experts* que se reunirão em Amsterdam durante a First International Conference on Grey Literature em dezembro de 1993. A literatura convencional (livros e periódicos) não corresponde à velocidade exigida pelas sociedades em mudança, portanto os "modernos profissionais da informação" estão conscientes do papel que devem assumir mediante a geração e uso da literatura cinzenta, que, por ser a não convencional, é dinâmica e facilita a comunicação entre cientistas, administradores e comunidades que necessitam de informação considerada fugitiva e, por isso mesmo, muito veloz.

CONCLUSÃO

Em virtude do interesse que esse assunto vem despertando a partir da década de 80, para estreitar os laços entre Europa e América, vale a pena investir em programas e projetos referentes à literatura cinzenta. Que essa característica não convencional, de uma cor cinzenta pouco definida, não seja justificativa para ser mantida como uma "literatura fugitiva" e consequentemente penalizada. Pelo contrário, deve-se impor como força propulsora da velocidade que caracteriza a comunicação eletrônica, a qual dominará o século XXI.

Dinah Aguiar Población

Professora doutora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Presidente da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia (Ancib).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FOSKETT, D. J., HILL, M. series editor's foreword. In: AUGER, C. P. *Information sources in grey literature*. London Bowe - Saur, 1989, 2nd. ed. p. v-vii.
2. ALBERANI, V., PIETRANGELI, P. de Castro. MAZZA, A. M. R. The use of grey literature in health sciences: a preliminary survey. *Bull. Med. Libr. Assoc.*, v. 78, n. 4, p. 358-363, Oct. 1990.
3. CHILLAG, J. Grey literature and the British Library Lending Division. *Australian Spec. Libr. News*, v. 18, n. 1, p. 7-11, Mar. 1985.
4. VAN DER HEIJ, D. G. Synopsis publishing for improving the accessibility of scholarly information. *J. Inf. Science*, n. 11, p. 95-107, 1985.
5. GRIFFIN, J. Industrial organisation as producers and users of non-conventional literature. *IAALD Quartely Bulletin*, v. 27, n. 21, 1982.
6. Organização Mundial da Saúde. *Cataloging and indexing guidelines for fugitive health literature*. Geneve: World Health Organization, 1982.
7. COUTINHO, O. C. A. Tratamento de relatórios de pesquisa, patentes e normas técnicas. In: SEMINÁRIO SOBRE DOCUMENTOS NÃO CONVENCIONAIS. São José dos Campos. 1988. *Resumos*. São José dos Campos: ITA, 1988.
8. CONGRESSO REGIONAL DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE, 1º. São Paulo: Bireme, set. 1992. *Recomendações*. p. 3.
9. GOOCH, P. S. Agricultural information transfer within and between developing countries, *Quant. Bibl. Assoc. Agric. Libr. and Doc.* v. 32, n. 3, p. 151-155, 1987.
10. SCHMIDAMAIER, D. Ask no questions and you'll be told no lies: or how we can remove paper's fear of grey literature. *Libri*, v. 36, n. 2, p. 98-112, 1986.
11. AUGER, C. P. *Information sources in grey literature*. London: Bowker-Saur, 1939, 2nd. ed.
12. KROESE, J. J. Sigle's veiled existence and Nethenand's participation. *OPEN*, v. 13, n. 11, p. 486-489, Nov. 1985.
13. AUGER, C. P. Non-conventional literature. *Aslib Proceedings*, v. 34, a 11/12, p. 457-458, Nov./Dez. 1982.
14. CURRAS, Emilia. *Estructuración de un programa de sistema experto para la literatura gris*. Memória del trabajo de investigación realizado en la Universidad de California. Los Angeles UCLA. Madrid, Set. 1990.
15. VICKERS, S., WOOD, D. N. Improving the availability of grey literature. *Interlending Review*, v. 10, n. 4, p. 125-130, 1982.
16. McCLURE, C. R., HERNON, P., DURCELL, G. R. *Linking the US National Technical Information Service with academic and public libraries*. Noewood, N. J.: Ablex Publishing Corporation, 1986.
17. ALLISON, P. S. Talking the elusive grey literature. *Coll. and Res. Libr. News*, v. 48, n. 5, p. 244-246, May, 1987.

Comunicação aceita para publicação em 16 de dezembro de 1992.

Grey or non-conventional literature: a challenge to be faced

Abstract

A historical of grey literature is presented in order to understand the different connotations given to the content of documents. The focus of the article is given on the non-conventional literature referred as a fugitive, informal or invisible literature. The importance of grey literature is shown as a means of keeping up with the speed of advancement of science in modern societies as well as to create national specific database of such literature in Latin America, weakly represented in specialized existent databases.

Key words

Grey literature, Fugitive literature, Invisible literature, Non-conventional documents, Grey literature databases.